

■ ARTIGOS

■ A inclusão de estudantes com TDAH nas turmas de ensino regular: a experiência de um Centro de Ensino Fundamental do Distrito Federal

 Valdirene Luiz Gonçalves*

Resumo: A inclusão de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma realidade nas escolas públicas do Distrito Federal. O Centro de Ensino Fundamental pesquisado conta com 14 estudantes com diagnóstico de TDAH matriculados em turmas de ensino regular e essa inclusão apresenta algumas características que serão analisadas a partir de questionário respondido por professores que atuam nessas turmas inclusivas. O objetivo é analisar a percepção desses professores quanto a esses estudantes, identificar suas queixas e refletir sobre suas perspectivas. Será realizada uma pesquisa exploratória e de campo, análise de documentos oficiais sobre inclusão, além da aplicação de um questionário com 12 professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental. A partir dos dados colhidos neste questionário, serão apresentadas algumas tabelas e gráficos que consolidam essas informações. Algumas questões foram frequentemente assinaladas como a necessidade de formação dos docentes para atuarem com inclusão, de reestruturação no ambiente escolar e a participação dos pais no processo de desenvolvimento desses estudantes. Notaremos que a inclusão ainda traz consigo uma gama de questionamentos, dúvidas e anseios, e que muito ainda precisa ser pesquisado, estudado e debatido sobre estudantes com TDAH nas turmas de ensino regular.

Palavras-chave: Inclusão. TDAH. Ensino regular. Experiência.

* Valdirene Luiz Gonçalves é graduada em Pedagogia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (2015), e em Filosofia pela CESB (2003). Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino (2005) pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e em Orientação Educacional e Gestão Escolar (2009) pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (FACETEN). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: valdirenedesus@hotmail.com.

Introdução

A inclusão é uma questão que vem sendo discutida frequentemente em todas as áreas da sociedade e na escola, que é um espaço de convivência social e de construção da personalidade e desenvolvimento humano. Professores, família e todos que estão diretamente ligados à educação precisam se adequar a esta realidade.

A Educação conta com vários dispositivos legais que proporcionam constante reflexão por parte da sociedade sobre a inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais nas turmas regulares de ensino. O artigo 208 da Constituição Federal de 1988 afirma que "O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". (BRASIL, 1988)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96, em seu Capítulo V, que trata da Educação Especial, traz a seguinte redação: "Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais" (BRASIL, 1996). A partir dessa definição de educação especial ofertada preferencialmente na rede regular de ensino, a inclusão passa a ser então ponto de discussão e implementação.

Além desses dispositivos existem portarias, decretos e políticas que regulamentam e orientam sobre a importância da educação especial e como deverá ser realizada a inclusão. Entretanto, perceberemos que muito ainda necessita ser discutido e estudado, muitos profissionais da educação desconhecem características importantes a respeito do tema. O governo precisa contribuir fornecendo subsídios técnicos e materiais. E todos necessitam estar abertos para esse processo.

O presente artigo tem como objetivo analisar como os professores percebem a inclusão de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) nas classes regulares de ensino de um Centro de Ensino Fundamental (CEF) do Distrito Federal, identificar suas queixas, refletir sobre as perspectivas apresentadas por eles e conjugar essas reflexões com as teorias e documentos de orientação da Educação Especial.

Este CEF foi entregue à comunidade em 1994 para atendimento a estudantes da 5ª e 6ª séries do ensino fundamental de oito anos. Atualmente atende aos anos iniciais do ensino fundamental de 9 anos (2º ciclo) e anos finais do ensino fundamental de 9 anos (3º ciclo). Conta com 42 turmas, totalizando 1.246 estudantes. Dentre esses estudantes, 14 apresentam diagnóstico de TDAH.

Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA)¹, o TDAH é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Os estudantes que possuem esse transtorno são incluídos em turmas regulares de ensino. Contudo, faz-se necessário pensarmos sobre essa inclusão, em quais moldes ela é aplicada e qual sua efetiva eficácia para esses estudantes.

Examinaremos conceitos e orientações sobre esse transtorno funcional, como escola e família devem e podem participar para o sucesso da inclusão. Analisaremos as normas legais que a regulamentam e conversaremos com professores que atuam em turmas inclusivas para conhecermos um pouco da realidade do CEF com relação aos estudantes com TDAH.

Utilizaremos como base de pesquisa livros, artigos e documentos oficiais sobre educação especial e inclusão. Questionário semiestruturado que alguns professores da referida Unidade de Ensino (UE) se propuseram a responder. E faremos ponderações a partir desse questionário e as teorias pesquisadas.

Espera-se que ao final dessa pesquisa possamos compreender melhor a realidade apresentada neste CEF com relação à inclusão de estudantes com TDAH e refletir sobre a sua importância para esses estudantes e para a sociedade que almeja uma educação de qualidade para todos.

Materiais e Métodos

Para realização desse trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre TDAH e inclusão numa abordagem qualitativa, pesquisa exploratória e de campo. Analisamos também diversos instrumentos legais do Ministério da Educação (MEC) e da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) sobre essa temática disponível nos respectivos sítios na internet. Examinamos também o Projeto Político-Pedagógico (PPP) deste CEF.

A pesquisa foi realizada com três professores de anos iniciais e com nove dos anos finais do Ensino Fundamental de 9 anos. Os professores que atuam nessas turmas inclusivas responderam um questionário padrão semiestruturado e a partir deles foram construídas algumas tabelas e gráficos que ilustram características desse público e reflexões sobre a inclusão.

Nesta UE estão matriculados 14 estudantes com diagnóstico de TDAH. Destes, seis são dos anos iniciais (1º ao 5º) e oito são dos anos finais (6º ao 9º). As idades variam entre 7 a 16 anos. Do total de estudantes há apenas uma menina.

Resultados

O TDAH é um transtorno com um conjunto de sintomas e sinais que apresentam características como desatenção, hiperatividade-impulsividade. Segundo o Manual de Estatística e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM), para o diagnóstico do TDAH existem algumas considerações a serem feitas. De acordo com este manual é necessário que a criança apresente pelo menos seis dos nove sintomas de desatenção ou pelo menos seis dos nove sintomas de hiperatividade-impulsividade (que incluem seis de hiperatividade e três de impulsividade). Esses sintomas têm de trazer prejuízos significativos ao desenvolvimento social, educacional ou ocupacional da pessoa.

Os nove sintomas característicos de desatenção são:

- Frequentemente deixa de prestar atenção a detalhes ou comete erros por descuido em atividades escolares, de trabalho ou outras;
- Com frequência tem dificuldade para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas;
- Com frequência parece não escutar quando lhe dirigem a palavra;
- Com frequência não segue instruções e não termina seus deveres escolares, tarefas domésticas ou deveres profissionais;
- Com frequência tem dificuldade para organizar tarefas e atividades;
- Com frequência evita ou reluta em envolver-se em tarefas que exigem esforço mental constante;
- Com frequência perde coisas necessárias para tarefas ou atividades;
- É facilmente distraído por estímulos alheios à tarefa;
- Com frequência apresenta esquecimento em atividades diárias. (CASTRO; NASCIMENTO, 2009, p. 24)

Quando a pessoa apresenta seis desses sintomas em pelo menos dois ambientes diferentes por um período de no mínimo seis meses recebe o diagnóstico de TDAH predominantemente desatento. Contudo, nada impede que além desses sintomas apresente também outros característicos de hiperatividade ou impulsividade.

Os sintomas que caracterizam a hiperatividade e impulsividade são:

Hiperatividade

- Frequentemente agita as mãos ou os pés ou se remexe na cadeira;
- Frequentemente abandona sua cadeira em sala de aula ou em outras situações nas quais se espera que permaneça sentado;
- Frequentemente corre ou escala em demasia em situações nas quais isto é inapropriado;
- Com frequência tem dificuldade para brincar ou se envolver silenciosamente em atividade de lazer;
- Está frequentemente “a mil” ou muitas vezes age como se

estivesse “a todo vapor”;

f. Frequentemente fala em demasia.

Impulsividade

- Frequentemente dá respostas precipitadas antes de as perguntas terem sido completadas;
- Com frequência tem dificuldade para aguardar sua vez;
- Frequentemente interrompe ou se mete em assuntos. (CASTRO; NASCIMENTO, 2009, p. 24-25)

Para ser considerado predominantemente hiperativo-impulsivo necessita apresentar pelo menos seis desses sintomas e menos de seis de desatenção e precisam estar presentes em pelo menos dois ambientes diferentes como em casa e na escola e por no mínimo seis meses.

Há ainda o tipo combinado que reúne seis sintomas de desatenção e seis sintomas de hiperatividade/impulsividade.

Os estudantes com TDAH por manifestarem alguns dos sintomas descritos podem apresentar dificuldades de aprendizagem e de socialização na escola.

No CEF citado há 14 estudantes matriculados com diagnóstico de TDAH em turmas inclusivas no ensino regular do 2º ao 8º ano do ensino fundamental. Para conhecer a realidade da inclusão desses estudantes foi solicitado aos professores que respondessem um questionário semiestruturado com questões que se referiam à formação e experiência deles, desenvolvimento dos estudantes, acompanhamento da família, percepção desses profissionais em relação às condições de implementação da inclusão e suas sugestões para melhorar a qualidade de aprendizagem desses estudantes.

A partir de questionário respondido por esses professores de anos iniciais e anos finais foi possível constatar que possuem experiência profissional que variam entre um e mais de 20 anos. São docentes do sexo feminino e masculino. Atuam em turmas inclusivas num período que varia entre um e 20 anos. Suas graduações variam entre pedagogia (3), letras (3), geografia (1), história (1), matemática (1), ciências biológicas (1), educação física (1) e artes (1).

É possível notar que apenas dois docentes participaram de curso específico para atender estudantes com

Tabela 1. Formação e experiência profissional dos docentes

Experiência profissional	Atuação em Turma inclusiva	Área de Formação	Curso sobre TDAH
4	3	Letras	Não
2	2	Letras	Não
5	5	Geografia	Não
+20	20	Artes	Não
15	8	Letras	Não
3	3	História	Não
13	2	Pedagogia	Não
9	7	Pedagogia	Não
10	10	Pedagogia	Sim
6	4	Matemática	Não
10	10	Educação física	Sim
1	1	Ciências Biológicas	Não
1-20	1-20		

Fonte: Autora

TDAH. Ao analisar algumas bibliografias e os questionários respondidos pelos professores, notamos que uma das queixas quanto à inclusão, e nesse caso se tratando de estudantes com TDAH, é justamente a falta de formação para atuarem com esses estudantes.

Uma das orientações expressas na Declaração de Salamanca (1994)² é que os docentes participassem de cursos de formação com o intuito de conhecer suas especificidades para auxiliar todos os estudantes, inclusive os que apresentam necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagem.

Preparação apropriada de todos os educadores constitui-se um fator chave na promoção de progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas. As seguintes ações poderiam ser tomadas. (...) O conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino no sentido de abarcar uma variedade maior de habilidades, etc. Nas escolas práticas de treinamento de professores, atenção especial deveria ser dada à preparação de todos os professores para que exercitem sua autonomia e apliquem suas habilidades na adaptação do currículo e da instrução no sentido de atender as necessidades especiais dos alunos, bem como no sentido de colaborar com os especialistas e cooperar com os pais. (SALAMANCA, 1994. p. 10)

Alguns docentes, ao responder o questionário, afirmaram que: “Seria de fundamental importância a capacitação dos professores para trabalhar com esses estudantes.”

Outra questão abordada pelos professores quanto à inclusão de estudantes com TDAH é o elevado número de estudantes por turma. Os estudantes que possuem esses diagnósticos são matriculados, sempre que possível, em turmas que possuem Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (ANEE's), pois essas têm um número menor de estudantes. Na estratégia de matrícula (documento elaborado pela SEEDF) é informado a

cada ano o quantitativo de estudantes e quais porcentagens de redução haverá, dependendo de quais e quantos estudantes ANEE's serão incluídos nessas turmas.

Vejamos o quantitativo de estudantes em cada turma e o número de estudantes com TDAH em cada uma dessas turmas inclusivas do CEF.

A Tabela 2 apresenta o número de estudantes matriculados em turmas do ensino regular onde há a presença de estudantes com diagnóstico de TDAH. Essas turmas podem receber duas denominações. As turmas que possuem estudantes ANEE's, como autismo, osteogênese imperfeita³, e alguns outros tipos de necessidades educacionais especiais são denominadas classes de integração inversa⁴ e têm um quantitativo de estudantes reduzido, em média 15 estudantes por turma. Outra classificação para turma com número reduzido de estudantes, porém com uma redução menor, são as classes comuns inclusivas. Os estudantes com TDAH deverão ser incluídos em turmas de classe comum inclusiva.

O número de estudantes dessas turmas é definido pelos estudantes ANEE's nelas matriculados. As turmas de Anos Iniciais têm o quantitativo que varia entre 15 e 23 estudantes com a inclusão de um ou dois estudantes com TDAH. Nas turmas de Anos Finais o quantitativo de estudante varia entre 31 e 35 estudantes também com a inclusão de um ou dois estudantes com TDAH. Esses estudantes encontram-se na classificação como TFE (Transtornos Funcionais Específicos) e não são público-alvo da Educação Especial. Não são considerados ANEE's.

Que os alunos com Transtornos Funcionais Específicos (Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade – TDAH, Dislexia, Discalculia, Disortografia, Disgrafia, Dislalia, Transtorno de Conduta e Distúrbio do Processamento Auditivo Central – DPAC) não são público alvo da Educação Especial, mas devem ser atendidos em articulação entre essa e a Escola Comum, conforme definição da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. (DISTRITO FEDERAL, 2012)

Tabela 2. Quantitativo de estudantes por turma com inclusão de estudantes com TDAH

Turmas	Números de alunos	Alunos com TDAH	Alunos ANEE's
<i>Anos Iniciais</i>			
2º C	23	1	-
3º A	15	1	1 (DV)
5ª A	15	1	1 (DF/Osteogênese imperfeita)
5ª C	15	1	1 (TGD/AUT)
5º D	22	2	-
<i>Anos Finais</i>			
6º A	32	1	2 (DI)
6º E	31	1	-
7º B	35	2	1 (DF/ANE)
7º E	33	1 + 1 (dislexia)	-
8º B	31	1	-
8º C	31	1	1 (DF/BNE)
8º E	31	1	-

Fonte: Autora

A portaria nº 39, de 9 de março de 2012, vem para instituir e normatizar a organização do atendimento aos estudantes com Transtornos Funcionais Específicos. Em seu artigo 6º define que “os estudantes com TFE's terão matrículas garantidas em turmas com quantitativo reduzido, de acordo com a estratégia de matrícula”.

Apresentamos, no Quadro 1, segundo a estratégia de matrícula da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal 2017 (DISTRITO FEDERAL, 2017), como deve ser a modulação dos estudantes com TDAH.

Com base no Quadro 1, é possível notar que os estudantes com TDAH deverão ser matriculados em turmas com número reduzido de estudantes. Do 1º ao 3º ano poderá ter até dois estudantes com TDAH com o total de 18 estudantes na turma. No 4º, 5º e 6º anos terão, respectivamente, um

Quadro 1. Número de estudantes com TDAH e número de estudantes total por turma

FAIXA ETÁRIA	ETAPA		NÚMERO DE ESTUDANTES POR TURMA				CLASSE COMUM INCLUSIVA					
			ÁREA URBANA		ÁREA RURAL		DPAC, DISLEXIA		TDAH		TOD, TC	
			Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo	Nº de estudantes por turma	Total de estudantes por turma	Nº de estudantes por turma	Total de estudantes por turma	Nº de estudantes por turma	Total de estudantes por turma
Estudantes de 6 a 10 anos completos ou a completar até 31/03/2017	ANOS INICIAIS	1º ano	20	26	18	26	até 2	18	até 2	18	1	22
		2º ano	22		21	28						
		3º ano	24	28	21	28						
		4º ano	26	30	21	30	1	24	1	24	1	22
		5º ano					2	22	2	22		
Estudantes de 11 a 14 anos completos ou a completar até 31/03/2017	ANOS FINAIS	6º ano	26	32	21	30	1	24	1	24	1	24
		7º ano	28		26	32	até 2	30	até 2	30		
		8º ano		30							32	32
		9º ano	30	32	32	32	32	32	32			

Fonte: Distrito Federal, 2017, p. 51

estudante e 24 estudantes no total, ou dois estudantes, com 22 estudantes no total. Do 7º ao 9º ano poderão ter até dois estudantes com TDAH por turma, sendo que no 7º e 8º ano um total de 30 estudantes e no 9º ano um total de 32 estudantes.

Observando os dados da Tabela 2 e comparando com as informações do Quadro 1, percebemos que a referida escola consegue seguir as orientações quase que completamente no que se refere ao número de estudantes dos anos iniciais, apenas a turma do 2º ano com estudante TDAH não segue a definição, tendo um número de cinco estudantes a mais que o referido na Estratégia de matrícula. Em relação às turmas de anos finais, notamos que possuem um número maior de estudantes do que orienta o documento de estratégia de matrícula.

Os estudantes com TFE's são acompanhados pela Equipe de Serviço Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA). Essa equipe engloba um pedagogo e, quando possível, um psicólogo. Na referida escola, o SEAA dispõe de duas pedagogas, visto que o número de matriculados é maior que 1.200 estudantes. Essa equipe oferecerá apoio técnico-pedagógico aos professores, equipe gestora e estudantes, realizando um trabalho de forma institucional com o intuito de auxiliar o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Atenderá os estudantes com TFE's e também os que, apesar de não terem laudo, apresentam dificuldade acentuada de aprendizagem.

Ainda segundo a Portaria nº 39, de 2012, os estudantes com Transtornos Funcionais Específicos receberão atendimento no polo da Sala de Apoio à Aprendizagem (SAA).

Art. 13. O encaminhamento do aluno com TFE para o polo Sala de Apoio à Aprendizagem será feito pelo Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem após a formalização dos procedimentos do PAIQUE (Procedimentos de Avaliação e Intervenção das Queixas Escolares) e finalizado as ações previstas no Nível ALUNO; Art. 14. O atendimento nos polos/ Sala de Apoio à Aprendizagem proposto para o aluno com

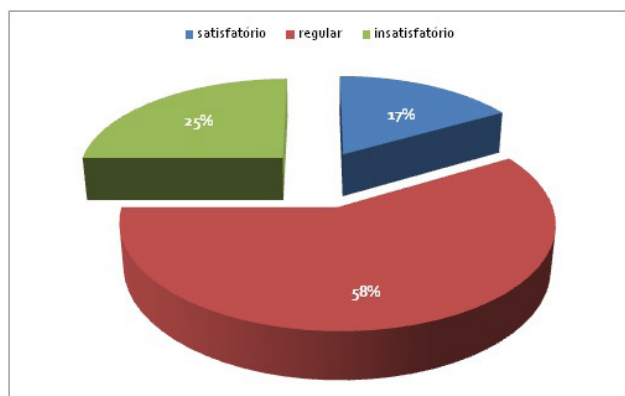
Transtornos Funcionais Específicos terá o objetivo de desenvolver atividades sistematizadas será orientado pelo Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem pelas estratégias definidas por meio de Estudo de Caso realizado com os profissionais envolvidos no processo ensino Aprendizagem de cada aluno até que se construa uma Orientação Pedagógica específica para o Programa; Art. 15. O atendimento nos polo/ Sala de Apoio à Aprendizagem para cada aluno acontecerá em contra-turno sendo 02 encontros semanais, com 1h de duração cada. Art. 16. A composição dos polos/ Salas de Apoio à Aprendizagem serão realizadas por agrupamentos de no mínimo 04 e no máximo 06 alunos. Cada turno terá 04 grupos de atendimento, dessa forma cada professor terá um total de 24 a 36 alunos atendidos por turno. Art. 17. O encaminhamento dos alunos de Ensino Fundamental Séries/ Anos Finais, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos será feita via coordenador intermediário das Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem. (DISTRITO FEDERAL, 2012)

Serão encaminhados ao SAA os estudantes com TFE's e que apresentam dificuldade de aprendizagem. Cada UE tem uma quantidade de vagas disponível nos polos para esses estudantes. Não temos nesta cidade satélite, atualmente, um polo de SAA para estudantes dos anos finais, somente os de anos iniciais são atendidos e realizam atividades que auxiliarão em seu desenvolvimento em sala de aula.

Há a necessidade de fazer uma reflexão sobre como esses estudantes estão se desenvolvendo e os professores trazem uma determinada perspectiva, de acordo com o questionário respondido por esses educadores (Gráfico 1).

Como podemos notar no Gráfico 1, 17% desses estudantes apresentam rendimento satisfatório, 25% insatisfatório e mais de 50% apresentam rendimento regular. Considerando a soma dos níveis satisfatórios e regulares teremos uma média de 75% dos estudantes. Os estudantes que apresentam nível insatisfatório são o público alvo da SAA. Porém mesmo os estudantes com esse CID⁵ e que não apresentam dificuldades de aprendizagem fazem jus à Adequação Curricular.

Gráfico 1. Nível de desenvolvimento dos estudantes com TDAH



Fonte: Autora

As adequações curriculares constituem, pois, possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adequação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. (BRASIL, 2003. p. 34)

Essa orientação de um currículo adaptado às necessidades dos educandos já veio referendada na Declaração de Salamanca:

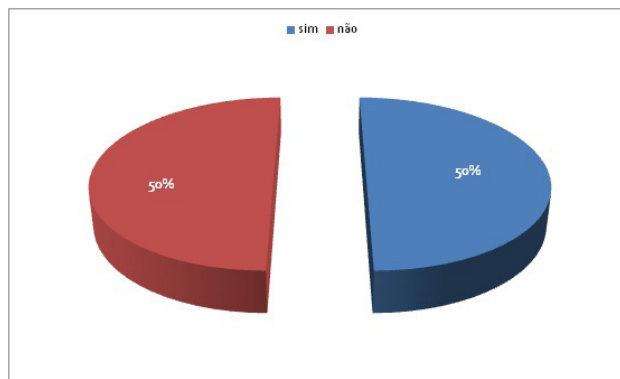
O currículo deveria ser adaptado às necessidades das crianças, e não vice versa. Escolas deveriam, portanto, prover oportunidades curriculares que sejam apropriadas à criança com habilidades e interesses diferentes. Crianças com necessidades especiais deveriam receber apoio instrucional adicional no contexto do currículo regular, e não de um currículo diferente. (SALAMANCA, 1994. p.8)

Essa adequação curricular será planejada pelos professores com o auxílio da EEAA para oportunizar aos estudantes com TDAH um acesso ao currículo da educação básica, não é uma redução do currículo, mas uma adequação que envolve acesso ao currículo quanto à didática, metodologia e aos conteúdos, visando adequação ao estudante e não o estudante ao currículo devendo ser baseado sempre sobre as suas necessidades e realizado de forma individual.

Além de todas essas considerações sobre o trabalho na esfera escolar, outra vertente a ser considerada é a participação dos pais ou responsáveis quanto ao desenvolvimento desses estudantes. E, com relação a isso, a Constituição Federal de 1988 expressa, em seu artigo 205, que

A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo par

Gráfico 2. Acompanhamento pela família do desenvolvimento escolar dos estudantes com TDAH.



Fonte: Autora

o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. [grifo nosso].

Como expresso anteriormente, um dos critérios para o diagnóstico do TDAH é que os sintomas apresentem-se em pelo menos dois ambientes, por exemplo, escola e em casa. A família como responsável pela educação das crianças deve participar ativamente do seu processo de desenvolvimento. Quando um determinado comportamento do estudante é percebido na escola e em casa é a família quem buscará acompanhamento médico para então detectar ou não o diagnóstico de TDAH.

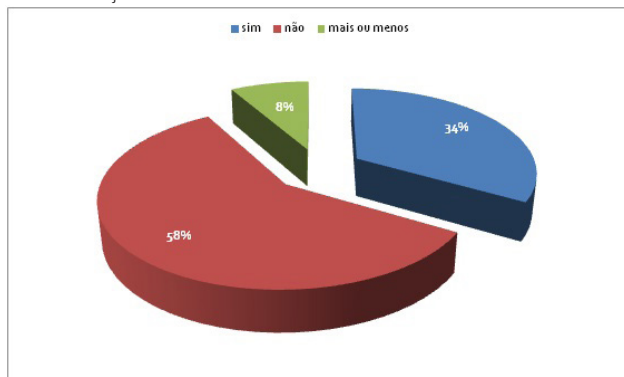
Mas o diagnóstico é só o primeiro passo. A família precisa estar presente em todo o processo de desenvolvimento desses estudantes. Examinemos como os professores que responderam o questionário estão percebendo a participação dos pais na vida escolar dessas crianças.

O Gráfico 2 demonstra que, conforme percepção dos professores, metade das famílias acompanham a vida escolar e o desenvolvimento dos estudantes com TDAH, porém ainda tem 50% das famílias que não acompanham. Esse dado é alarmante se considerarmos que a família precisa estar ciente das características desse transtorno e quais são as melhores formas de lidar com essas crianças, principalmente para evitar os “rótulos” que recebem por falta de conhecimento daqueles que convivem diretamente com eles.

No questionário semiestruturado que os professores responderam, além dessas questões já sinalizadas acima, foram propostas duas questões em que responderiam de forma dissertativa. A primeira diz respeito às condições oferecidas pela SEEDF para a inclusão de estudantes com TDAH.

A partir do Gráfico 3, é possível constatar que a maioria dos educadores considera que a SEEDF não proporciona condições para a inclusão dos estudantes com TDAH. Entre as justificativas a essas respostas estão: “o número excessivo de estudantes por turma, ou seja, seria necessária uma redução desse quantitativo

Gráfico 3. A SEEDF proporciona condições para que a inclusão de estudantes com TDAH seja satisfatória?



Fonte: Autora

para que o professor pudesse dispor de mais tempo para atender a essa demanda”; “seria necessária a capacitação dos professores”; “espaço físico mais amplo para realização de atividades”; “apoio com relação a material didático”; “oferecer outros tipos de acompanhamento como psicólogos, psiquiatras e fonoaudiólogos (parceria com a Secretaria de Saúde)” e “monitoria para auxiliar principalmente aqueles que apresentam déficit de atenção”.

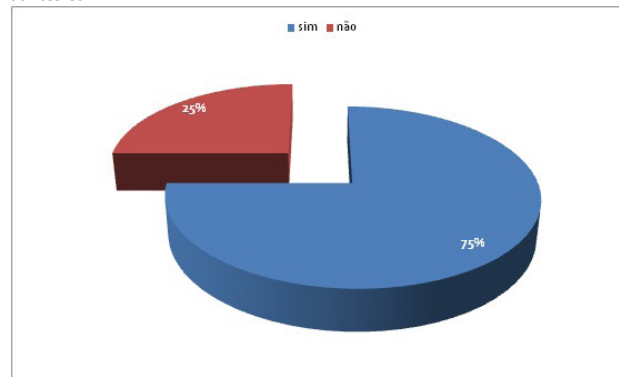
Quanto aos que responderam sim, as justificativas versam em torno de: “A Secretaria de Educação oferece essas condições, porém não de forma satisfatória”; “a Secretaria vem tentando suprir essa demanda, que nos últimos anos vem aumentando de maneira exagerada, apesar de haver falta de material, os profissionais fazem de tudo para oferecer o melhor para os estudantes”; “a Secretaria oferece cursos, temos a EEAA para atendimentos específicos, coordenadores e supervisores para dar suporte, porém é necessário mais material pedagógico”.

A outra questão analisa se a escola em que atuam esses professores está preparada para lidar com a inclusão de estudantes com TDAH.

Com base no Gráfico 4, notamos que a maioria dos professores afirma que a escola em que atuam está preparada para a inclusão de estudantes com TDAH. Entre as justificativas encontram-se: “teoricamente sim, mas não tem nenhuma infraestrutura para nossos estudantes”; “Sim, existe uma equipe bem preparada que desempenha o papel muito bem”; “sim, pois oferece as condições necessárias para o desenvolvimento desses estudantes”; “sim, a escola procura adequar dentro de suas possibilidades a sua proposta pedagógica e ambiental às necessidades destes estudantes”; “é feito o possível como o mínimo que nos é ofertado”; “temos uma sala de apoio preparada, entretanto, nem todo o corpo docente se mostra disposto a lidar com essa questão.”

Os professores que responderam *não* utilizaram as

Gráfico 4. A escola em que você atua está preparada para a inclusão de estudantes com TDAH?



Fonte: Autora

seguintes justificativas: “Creio que nenhuma escola esteja, os estudantes nessa condição precisam de uma metodologia diferenciada e exclusiva”; “Acredito que quase todas as escolas da rede encontram dificuldades para atender quaisquer tipos de estudantes especiais. Falta estrutura material, de pessoal, etc.”; “Seria necessário a redução de estudantes em sala para que fosse possível ao professor dar uma atenção mais específica ao estudante com TDAH”.

Para encerrar o questionário, foi pedido aos professores que fizessem algumas sugestões que pudessem ajudar na inclusão de estudantes com TDAH. Vejamos as sugestões citadas:

- » “Monitor que possa auxiliar o professor em sala de aula”.
- » “Acesso pontual a psiquiatras, psicólogos e afins”.
- » “Salas melhor ventiladas para que o estudante não sinta necessidade de estar próximo às janelas e portas. Ampliação do acesso a meios tecnológicos mais atuais”.
- » “Espaços para eles fazerem atividade com mais tranquilidade”.
- » “O retorno das reduções de turmas do qual o TDAH perdeu o direito e realização de oficinas práticas de informática ou outra modalidade para que estes estudantes tenham mais incentivo”.
- » “Acredito que uma participação mais aguerrida da família seria de grande valia no desenvolvimento dos estudantes”.
- » “Materiais pedagógicos, não só joguinhos, mas também materiais para o lúdico, para pintura principalmente este que demonstra a criatividade do estudante”.
- » “Redução do número de estudantes por turma”.
- » “Oferta de materiais pedagógicos especializados (se existirem)”.
- » “Oferta de reforço escolar constante”.
- » “Instrução da família (envolvimento da família)”.

Discussão

A partir das respostas dos professores foi possível constatar que a ideia de inclusão ainda não está afirmada, consolidada no ambiente escolar. Apesar de todas as produções sobre esse tema, há muita divergência e falta de informação. Os professores reiteraram que desconhecimento e falta de capacitação são grandes entraves nesse processo. Castro e Nascimento (2009) relatam que “a única e mais forte das armas de que dispomos para garantir que a criança receba um tratamento apropriado é o conhecimento”. O conhecimento sobre o TDAH, suas características, seu tratamento ajudará significativamente no desempenho dos professores para auxiliar o desenvolvimento desses estudantes.

Dos 12 professores entrevistados, apenas dois confirmaram ter curso específico para atuar em turma inclusiva com estudantes com TDAH. Alguns afirmaram que a SEEDF tem oferecido esses cursos, mas isso demonstrou não ser suficiente. Os professores necessitam estar abertos à inclusão e tornarem-se estudiosos, pesquisadores a fim de melhorar suas práticas e, dentro do que cabe a cada um, fazer com que a inclusão seja real e eficaz. Que não seja uma exclusão disfarçada de inclusão, ou apenas integração desses estudantes às turmas.

Quanto ao governo, cabe a reestruturação do espaço escolar. Uma das grandes queixas dos professores é a quantidade excessiva de estudantes em sala, o que dificulta o trabalho realizado em sala impedindo muitas vezes que consiga oferecer atenção individualizada aos estudantes, principalmente àqueles que apresentam dificuldade de aprendizagem. “As condições antecedentes que promovem melhor controle do comportamento e desempenho acadêmico incluem a oferta de comandos eficientes, juntamente com a supervisão individual do trabalho da criança” (DUPAUL; GARY, 2007, p. 15).

Além da reestruturação quanto ao número de estudantes, há outras questões como, estrutura física adequada com espaços preparados para a realização de atividades que estimulem o desenvolvimento dos estudantes, materiais pedagógicos e a oferta na rede pública de acompanhamento especializado, contando com médicos, psicólogos e fonoaudiólogos para trabalhar em parceria com os profissionais da escola, visando a um desenvolvimento pleno dos educandos. E, no caso dos estudantes com TDAH, essa parceria proporcionaria oportunidades ímpares.

A família como terceiro eixo dessa tríade também necessita estar presente em todo esse processo de desenvolvimento. Conhecer o que é o TDAH, como isso pode afetar a vida da criança e de todos ao seu redor e qual a melhor forma de lidar e ajudar é fundamental. Até porque os sintomas são percebidos primeiro em casa e só depois no ambiente escolar. Esse conhecimento

fará também com que se reduzam os preconceitos e os possíveis “rótulos” que geralmente essas crianças carregam devido ao seu diagnóstico. Baseadas nessa conscientização, as famílias poderão cobrar da escola e do governo um melhor atendimento às necessidades de seus filhos, lembrando que participar da vida escolar é dever da família.

Foi percebido que os professores do referido CEF que responderam o questionário apresentaram percepções contraditórias sobre a inclusão, sobre as condições oferecidas pela Secretaria de Educação, sobre a preparação da escola para a implementação e demonstraram desconhecimento sobre como trabalhar com os estudantes com TDAH.

Para a maioria desses professores a inclusão ainda é um grande problema. É compreensível que conhecer cada Transtorno Funcional Específico, cada necessidade educacional especial com as quais se deparam a cada ano letivo é realmente muito difícil, contudo esses estudantes estão incluídos nas turmas regulares e precisam ser atendidos de forma eficiente. Cabe a cada professor ser um pesquisador, um estudioso em busca de melhorias em sua prática para atender a todos os estudantes de maneira igualitária, mas respeitando as especificidades e necessidades de cada um deles.

Quanto à pesquisa, percebe-se que seria necessário uma quantidade maior de professores respondendo ao questionário para se ter uma visão mais ampla da inclusão de estudantes com TDAH nessa unidade de ensino, entretanto muitos não se dispuseram a fazê-lo. Seriam necessárias também outras formas de investigação, como rodas de conversas, debates e outros questionários para ampliar a extensão de compreensão de inclusão realizada nesta UE.

Conclusão

A inclusão é um processo em construção e uma necessidade para que todos tenham acesso a uma educação de qualidade. Os estudantes com TDAH estão incluídos nesse processo e, portanto, é necessário que se reflita sobre qual a melhor forma de se fazer isso. Com certeza não teremos uma receita pronta, mas temos ferramentas para construí-la.

Percebemos que alguns fatores são fundamentais nesse percurso. Entre os citados pelos professores do CEF e a literatura pesquisada, podemos destacar a formação dos professores para atuarem nessas turmas inclusivas, pois o conhecimento abrirá novas possibilidades de aprendizagem, a reestruturação dos ambientes escolares, considerando o excesso de estudantes por turmas e o investimento em materiais pedagógicos, as parcerias com médicos especialistas, psicólogos e fonoaudiólogos e a participação efetiva dos pais em todo processo de desenvolvimento dos estudantes.

Conforme proposto, o objetivo era analisar como os professores percebem a inclusão de estudantes com TDAH nas classes regulares de ensino, identificar suas queixas e refletir sobre suas perspectivas quanto à inclusão, e, apesar do número reduzido de participantes dessa pesquisa, foi possível

perceber que ainda temos um longo caminho a ser percorrido. E para tanto será necessário que os professores se disponham a estudar, pesquisar, que o governo dê suporte a esse trabalho e que a família seja parceira da escola em prol da educação desses estudantes. ■

Notas

- ¹ <http://www.tdah.org.br/br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>.
- ² Documento que rege Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. “Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembleia aqui em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e re-endossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governos e organizações sejam guiados.”
- ³ Mais conhecida como “ossos de vidro” – doença rara. Ela acomete a estrutura os ossos, deixando-os quebradiços e também frágeis desde o nascimento ou após um determinado tempo de vida.
- ⁴ Classe constituída por estudantes com DI (Deficiência Intelectual), DF (Deficiência Física), DV (Deficiência Visual), DMU (Deficiências Múltiplas) ou TGD/TEA (Transtorno Global do Desenvolvimento /Transtorno do Espectro Autista). O estudante poderá permanecer em turma de Integração Inversa pelo período em que dela necessitar, a partir da Educação Infantil até o 5º ano do ensino fundamental, exceto os estudantes com TGD/TEA cujo o período poderá ser prolongado até o 7º ano do ensino fundamental, de acordo com Estudo de Caso/Relatório de Avaliação Educacional/Adequação Curricular, visto não se tratar de necessidades transitória. (DISTRITO FEDERAL, 2017, p. 18)
- ⁵ CID é a sigla para Classificação Internacional de Doenças, traduzida do inglês International Classification of Diseases (ICD). A tabela é publicada pela Organização Mundial de Saúde e tem como objetivo padronizar e catalogar doenças e outros problemas de saúde.

Referências bibliográficas

ABDA – Associação Brasileira do Déficit de Atenção. **Dicas para educadores**. Disponível em: <http://www.tdah.org.br/br/dicas-sobre-tdah/dicas-para-educadores.html>. Acesso em: 1 set. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Recuperado de https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1?concurso=CFS%202%202018

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. (LDBEN). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

_____. Ministério da Educação - MEC. **Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais**. Coordenação geral: SEESP/MEC. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&category_slug=dezembro-2014-pdf&Itemid=30192>.

CASTRO, Chary A. Alba; NASCIMENTO, Luciana. **TDAH – Inclusão nas Escolas**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2009.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Estratégia de Matrícula 2017**. Disponível em <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/dez16/estrategia_matricula_2017_21dez2016.pdf>. Acessado em: 2018.

_____. **Portaria nº 39, de 9 de março de 2012.** Regulamenta o Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem e Sala de Apoio à Aprendizagem. Recuperado de http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2012/03_Mar%C3%A7o/DODF%20N%C2%BA%20050%2012-03-2012/Se%C3%A7%C3%A3o01%20-%20050.pdf

DUPAUL, George J; STONER, Gary. **TDAH nas escolas.** São Paulo: Mbooks, 2007.

SALAMANCA. **Declaração de Salamanca.** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

Bibliografia complementar

JORDANO, Copetti. **Dificuldades de aprendizado:** manual para pais e professores. 2ª ed. Curitiba: Juruá, 2012.

LOPES, Maria da Luz C. **Inclusão, Ensino e Aprendizagem do aluno com TDAH.** Monografia de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 2011.

RODRIGUES, David. Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva. *in:* RODRIGUES, David (org.) **Inclusão e Educação:** doze olhares sobre a Educação Inclusiva. (org.). São Paulo: Summus Editorial, 2006.